

RESENHA DE *O LIVRO DO HOMEM LÍQUIDO – MICROCONTOS*¹

Marcio Markendorf (UFSC)



As formas breves não constituem um fato novo na ficção, mas, recentemente, tem havido uma efervescente produção dessa natureza nunca vista em períodos anteriores. Há muito convivemos com o que poderíamos chamar, com certa licença, de narrativas morais e/ou filosóficas, como os ditos populares, os provérbios e os aforismos – todos de curta extensão. Vale lembrar, ainda, que a poesia mínima do *haiku* (haikai, no Brasil) também desfrutava de grande longevidade e encontrou uma variante, a chamada de poetrix, por meio de experimentações formais de escritores/as brasileiros/

1 O livro do homem líquido – Microcontos de Pedro Pereira Lopes (Maputo, Moçambique: Gala-Gala Edições, 2022)

as. Dentre as configurações mais consagradas de narrativas breves estão os contos de fadas, os contos de magia, as fábulas e os apólogos. Não cabe aqui efetuar qualquer distinção entre semelhantes modalidades narrativas, mas o gancho nos remete a afinidades eletivas capazes de justificar a economia linguística da ficção contemporânea.

Por outra perspectiva, em uma civilização marcada pela ubiquidade das redes sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas, tais como o *Twitter*, o *Instagram*, o *Snapchat*, o *Whatsapp*, o *Telegram*, traço característico do século XXI, é sintomático que formas reduzidas de comunicação tenham integrado os hábitos cotidianos. A linguagem da literatura contemporânea tem aderido a um tipo de escrita mais rápida e ágil, conferido às ficções maior dinamismo, instantaneidade, minimalismo e até maior fragmentação. O teórico e escritor Ítalo Calvino, na coletânea de conferências *Seis propostas para o próximo milênio*, já havia apostado na rapidez como uma marcada estilística literária moderna, sugerindo que o modelo dos contos de fadas – com sua simplicidade formal e economia dramática – poderia servir de inspiração para a narratividade do século XXI. O crítico italiano não esperava (e nem poderia, posto que faleceu em 1985) que, tempos depois, com o surgimento da internet,

ao campo discursivo virtual seria inculido um fluxo mais vertiginoso de palavras e imagens, com grande espaço para autopublicação de novas autorias e para experimentações estéticas diversas. Nas relações de nosso tempo, marcadas pela profusa circulação de imagens, de vídeos e de textos curtos, ganharam espaço na linguagem diária os *emoticons*, os *emojis*, os *gifs*, os memes, os *stories*, os *reels*, o que culminou em fricções produtivas entre literatura, imagem e mídias sociais. Por conta desse contexto, tem havido um crescente interesse, crítico e criativo, pelos formatos mínimos – microcontos, minicontos, nanocontos, twittcontos, instacontos –, voltados para uma literatura sintética e portátil (versão atualizada do termo ‘literatura de bolso’) agrupada sob o nome de microliteratura. Mas, deixemos de lado a digressão tecnológica e retornemos às palavras de Calvino.

O crítico italiano, antes mesmo do *boom* da internet, afirmava que a rapidez constituiria uma das qualidades literárias a ser cultivada para o próximo milênio. *Seis propostas para o próximo milênio* teve sua primeira publicação em 1988, em edição póstuma, de modo que Calvino, como já observado, sequer pôde acompanhar a aurora do mundo digital, das ferramentas de autopublicação e do surgimento

das redes sociais. Seja como for, o crítico, não querendo desmerecer os prazeres da demora nem efetuar a defesa da velocidade como um valor em si mesmo, assinalava a rapidez/velocidade como um índice sintomático da modernidade. Paradoxalmente, tal aspecto dinâmico deveria render tributo à técnica narrativa das formas da tradição oral, como os contos de fadas, justamente em função de serem narrativas firmadas na economia linguística, cirurgicamente lacunares, com o mínimo de descrição e maior foco nas ações dos personagens, o que não limitaria a possibilidade de diferentes interpretações para uma mesma história. Quanto a isso, Calvino recorda seu trabalho de coletor e narrador de fábulas do folclore italiano, reunidas em *Fábulas italianas*, publicação de 1992, atividade na qual buscou preservar a concisão, a eficácia narrativa e a sugestão poética das histórias recolhidas. É nesses avizinhamentos que é possível tratar do novo livro do moçambicano Pedro Pereira Lopes, *O livro do homem líquido – microcontos*, de 2021.

Pedro Pereira Lopes é professor, pesquisador e escritor. É docente na Universidade Joaquim Chissano, em Maputo, Moçambique. Angariou importantes prêmios literários e conta, até o momento, com onze livros publicados, demonstrando grande versatilidade pelo trânsito entre os

gêneros ficcionais, da poesia à prosa, do romance ao conto, do conto ao microconto – sem deixar de lado os relatos de viagem e a contação de histórias. Dentre suas obras literárias, merecem destaque a trilogia absurda das minúsculas, composta por *O mundo que iremos gaguejar de cor* (contos, 2017), *Mundo grave* (romance, 2018) e *Mundo blue ou o poema em quarentena* (poesia, 2020). Como fundador e editor da Gala-Gala Edições, Pedro Pereira Lopes fez um salto dos experimentos com as minúsculas para ensaiar a linguagem dos formatos menores, os microcontos.

Conceituar o microconto não é uma tarefa fácil e remonta aos debates tão antigos quanto controversos entre as diferenças de extensão de um conto e uma novela. No entanto, por força das necessidades científicas de taxonomia (que não se aplicam, por sorte, tão bem às artes), os microcontos podem ser descritos como formas de curta ou curtíssima extensão, o que pode resultar em narrativas unifrásicas (também conhecidas como nanocontos) – constituindo *Linha única*, de João Anzanello Carraschoza, de 2016, um ótimo exemplo – ou histórias de poucas páginas como o próprio *O livro do homem líquido*. Logo, sem qualquer régua segura para mensuração, vale uma reapropriação de um conhecido chiste do escritor Mário de Andrade para que

se possa decretar que microconto é tudo o que um autor chamar de tal.

No caso de *O livro do homem líquido* – que, ao contrário do que possa parecer à primeira vista, nada diz respeito à filosofia da liquidez de Zygmunt Bauman – o leitor encontra variações narrativas de duas linhas (alcunhadas, às vezes, de minicontos) a três páginas. Prefaciado pelo professor pesquisador Flavio Garcia, a coletânea de microcontos de Pedro Pereira Lopes é dividida em três partes/semanas – *Primeira semana: manual de efeitos para filmes distópicos*; *Segunda semana: o livro do homem líquido*; e *Terceira semana: lendas interiores e alguns feitiços duvidosos*. Cada uma dessas partes é, respectivamente, composta por 17, 15 e 16 microcontos. Não é nada inocente, portanto, a epígrafe de Julio Cortázar, extraída de *Histórias de cronópios e famas*, livro que poderíamos considerar um tipo *avant-garde* de escritura microcontística: “Contar o que fazemos é apenas uma forma de evitar os vazios inevitáveis”. Essa citação, de algum modo, retoma a antológica teoria do conto do escritor argentino e ainda funda as bases metafóricas para o *modus operandi* de contação de histórias de *O livro do homem líquido*.

Em termos de estribilho ou premissa organizadora do livro, está a imagem do homem líquido, metáfora ébria

para aludir à tarefa de contação e recontação de histórias, algumas com finais abertos, outras com finais distintos, por vezes até insólitos, como o são muitos contos de fadas ou de magia. No contexto da cultura moçambicana, as narrativas de transmissão oral ainda estão muito presentes no cotidiano, constituindo uma “pervivência de um entreviver de histórias”, conforme assinala Flavio Garcia no prefácio, por meio da qual o tradicional griô pode ser incorporado também pela figura de um escritor como Pedro Pereira Lopes (ou seu alter ego, o poeta António) – alguém que, aliás, é um dos maiores escritores em língua portuguesa do século XXI.

A passagem de griô a escritor-contador é bem retratada na forma de uma troca de papéis, ou mesmo troca de funções ancestrais de portabilidade e transmissão da palavra-líquida, entre o avô e o narrador-ouvinte, depois que este atinge a maioridade, cena descrita no microconto de abertura ‘O homem líquido’. A liquidez das narrativas breves de Pedro Pereira Lopes está marcada por águas perfumadas, como o gim, o vinho, o uísque, a cachaça, a cerveja, a chuva, o chá, as lágrimas, e de palavras-fluxo, ligeiras como corredeira. A embriaguez, que para muitos acentua as habilidades sociais nas conversas de bar (como

a do avô-mago do narrador), igualmente funciona como metáfora para o modo como as palavras estão embebidas de encantamento e sortilégio. Ou de dessacralização da tradição, tal como acontece com a versão ácida e etílica do conto de fadas *A bela adormecida*, convertida no livro em um homem que cai em sono profundo depois de beber álcool e cujo hálito repele qualquer pretendente ('O bêbado adormecido').

Nas micronarrativas do escritor moçambicano há uma profusão de cenas de espectros, assombrações, sonhos, profecias, aparições, visagens, maldições – um mundo sobrenatural delicioso, envolvente e muito rico. Há um flerte constante e irônico com as mitologias religiosas, sobretudo na forma de crítica ao imaginário judaico-cristão, operação bem representada pelos títulos 'Crise existencial', 'Mediação de conflitos', 'O bêbado adormecido', 'As palavras divinas' e 'A velha que apanhava milhos'. Além dessa relação paródica (ou pastiche?) com as cosmogonias – especialmente quanto ao tema da "coisa proibida", como diria o mitólogo Joseph Campbell –, na qual um deus pune um ato de transgressão humana com a ressaca, há brincadeiras com lendas de origem africana, como a das oito vidas do gato ('O gato mágico'), com crenças populares ('O caçador de assobios'), com costumes

e tabus culturais ('A banana bailarina') e, até mesmo, com ditos populares ('O corpo e a língua') e crenças do além-vida ('Macaco homem', microconto fortemente impregnado de crítica racial e religiosa). Não se pode deixar de mencionar, ademais, a estrutura fabular atribuída ao microconto 'Hemingway, o cão de guarda' que, além de "reverenciar" (restam dúvidas se Pedro Pereira Lopes era fã ou *hater* de Ernest Hemingway) um dos mestres da escrita sintética, faz com que os corvos, figuras tipicamente traiçoeiras das fábulas, desta vez não saiam ganhando no final – é o cão, com nome de escritor renomado, que ganha o mundo.

As assombrações ou aparições insólitas podem pender para o cômico ('O ciclista de Goba'), empregar o fantástico como crítica social ('O comandante', 'Os fantasmas por trás das cortinas') e, por vezes, converter-se em prosa poética das mais sublimes ('Olhos', 'Mudar de vida') ou expressar suculentas situações tragicômicas ('Bizi'). A literatura, como um castigo, e não como um bálsamo, pode ser encarada de modo zombeteiro em 'Ler na eternidade', pois um homem sábio, tendo deixado vasta fortuna e um único desejo testamentário – ser enterrado com livros para ler na vida após a morte – acaba sepultado com as obras completas de Mao Tsé-Tung e a Bíblia Sagrada.

Em intertextos divertidos e até mesmo sarcásticos, Pedro Pereira Lopes cria uma narrativa em que a composição de Rita Lee e Roberto de Carvalho, *Alô, alô, Marciano*, é receptada e entendida por alienígenas como um pedido de ajuda interplanetário da Terra ('Marcianos, Roger that!'), ou debocha da visão eurocêntrica de rei da selva construída pelo clássico *Tarzan, o homem macaco*, romance de Edgar Rice Burroughs ('Tarzan, o poliglota'). Vale destacar, de igual modo, as agruras autoritárias de outros reis Julian ('Joan e o rei Julian') em microconto que alude ao personagem do longa-metragem de animação *Madagascar* (Eric Darnell e Tom McGrath, 2005), mas que, ao contrário do desventurado e cômico lêmure criado pela DreamWorks Animation, os reinantes dessa prosa mínima assumam um aspecto corrupto e cinzento.

O poder da palavra não deixa de ser tematizado na coletânea de microcontos – podendo pender para o modo como um escolhido poderia derrubar um sistema de poder ('A Profecia'), como alguém pode conduzir um golpe de Estado ('Mediação de conflitos'), como um protegido seria capaz de instigar a revolução ('As palavras divinas'). Em linhas gerais, os microcontos do vencedor do prêmio African Writer Excellence Award oscilam entre a memória e a história, o natural e o

sobrenatural, o conto e o relato (este último quase assume contornos de cronista, tal como demonstram ‘O elogio da cor’ e ‘Estrelas no meio do caminho’), a literatura lúdica e a crítica política. O passado de exploração e ocupação militar igualmente marcam presença nas narrativas.

Por essas andanças de (micro)contador de histórias, o leitor, além de tudo, encontra certa doçura homoerótica na história do menino Muche e um dos “soldados da paz”, do microconto ‘Enlatados’, narrativa poética que inclui a crítica racial ácida na subjetividade de um garoto que “às vezes sonhava ser branco, só para ser rico”, como se a negritude fosse um estado de pobreza permanente. Em ‘Marcianos, Roger that!’, o escritor moçambicano cria um paralelo entre dois países de passado colonial, Brasil e Moçambique, avaliados pelos alienígenas da prosa breve como “estados falhados” em pé de igualdade. Já o microconto ‘As palavras divinas’ sintetiza as três formas fundamentais de colonialismo – a militar, a comercial e a espiritual, pois o João Baptista preto desse microconto é fuzilado por desconstruir as hegemônicas ‘verdades’ eurocêtricas acerca da bíblia, incentivar a rebelião contra o trabalho sem soldo e defender a existência de um Jesus africano.

‘Restaurante de primeira’ investe em um microcosmo de *apartheid* e faz da pergunta inocente de uma criança negra

uma reflexão cirúrgica sobre um nocivo racismo estrutural internalizado: “É permitido pedir esmola daqui de dentro?”. ‘O escritor premiado’, ainda que elusivamente, faz referência aos corpos que não importam, como diria Achille Mbembe e Judith Butler, cujas mortes são sequer investigadas. ‘Joan e o rei Julian’ não evita investir contra o discurso da branquitude salvacionista da protagonista, que “estava numa missão [das Nações Unidas] para resolver um problema que o país africano não conseguia resolver por si só”.

Para finalizar e retomar o pensamento de Ítalo Calvino sobre a rapidez, no parecer judicativo do italiano, cada vez que um objeto é convocado em um conto de magia, assume um tipo de propriedade mágica, não no sentido de possuir um tipo especial de magia, mas de contar com o poder atrator do interesse daqueles que estão dentro e fora da história. No caso de *O livro do homem líquido*, o objeto mágico são as próprias narrativas curtas, impregnadas da estilística da tradição oral. E como que conferindo a circularidade e a repetição próprias dos contos de magia, o livro de Pedro Pereira Lopes une as duas pontas de uma trajetória: a do escritor, ainda jovem, que se sente herdeiro da tradição do avô-mago de narrar (‘O homem líquido’); e a do adulto que, após contar suas histórias ao antepassado sábio, recebe a

benção por exercer o ofício com perfeição ('O poeta Antônio'). De grande delicadeza é a montagem paralela final, de dois voos, o espiritual e o mecânico, o fim da viagem e o ato de viajar/seguir jornada. E a mais telúrica das descobertas para as linhagens posteriores de escritores-griô: saber falar como árvore, conhecer a língua dos baobás, manter-se ereto em tronco massivo e majestoso, de sementes numerosas. Como devem ser as histórias.

Marcio Markendorf

Graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2003) e Doutorado direto em Literatura, concentração em Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009).

Atualmente é Professor Associado do Departamento de Artes da Universidade Federal de Santa Catarina, lecionando no Curso de Bacharelado em Cinema.

É Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

Está vinculado aos Grupos de Pesquisa "Estudos do Gótico", "Arte e Mestiçagens poéticas" e "Literatual - Estudos Feministas e Pós-coloniais de Narrativas da Contemporaneidade".

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2001852168968424>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8022-1350>.

Email: marciomarkendorf@gmail.com.